

O PANORAMA HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA ÉTICA E DA MORAL

Joel Campos⁹⁷

Claiton Ivan Pommerening⁹⁸

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar a definição do conceito de ética e moral, mostrando como a reflexão ética foi desenvolvida ao longo da história pelos filósofos da Grécia antiga e por Kant, cuja filosofia também teve importante papel neste trabalho. Em suma, observa-se a importância da ética cristã para a atualidade; contudo, aponta-se o desafio a líderes eclesiais e docentes da educação cristã na tarefa de pautar seus ensinamentos em padrões éticos e morais frente à relatividade da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Moral; Kant; Filosofia.

ABSTRACT

This research aims to present the definition of the concept of ethics and morals, showing how ethical reflection was developed throughout history by philosophers from ancient Greece and by Kant, whose philosophy also had an important role in this project. In short, the current importance of christian ethics can be observed; however, it is valid to point out the challenge to ecclesiastical leaders and teachers of christian education in the task of

⁹⁷ Joel Campos bacharel em teologia pela Faculdade Refidim. Esta pesquisa é adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso.

⁹⁸ Claiton Ivan Pommerening é diretor da Faculdade Refidim e doutor em teologia.

structuring their teachings within the ethical and moral standards of society's relativity.

KEYWORDS: Ethics; Moral; Kant; Philosophy.

INTRODUÇÃO

Partindo do contexto atual onde vivemos nos inquietou saber como se deu a compreensão ética e moral ao longo da história. Acredita-se ser relevante a compreensão dos princípios éticos e morais na sociedade, especialmente para a prática cristã, sendo importante tal compreensão para a ação do educador cristão.

Questões relacionadas com a ética e moral fazem parte da vida cotidiana das pessoas e adentram o ambiente eclesialístico, bem como estão presentes na vida profissional, familiar, acadêmica, enfim ética e moral permeiam a vida em todas as esferas, lançando desafios para líderes, corpo eclesialístico e sociedade. A igreja precisa reconhecer seu posicionamento diante de questões desse tipo, que geralmente são tratadas segundo suas doutrinas.

Dentro do presente artigo descrevemos a história da ética, distinguindo ética e moral. Em seguida, tendo como ponto de partida a filosofia grega, tratamos da origem da ética abordando os três principais filósofos, a saber, Sócrates, Platão e Aristóteles. Seguindo os passos da história da ética, destacamos na modernidade somente a ética de Immanuel Kant, porque dentro de nossa pesquisa qualitativa entendemos que foi o nome que mais contribuiu para a reflexão ética, dentre os demais filósofos da modernidade. Por fim, descrevemos introdutoriamente a história da ética cristã, bem como suas definições.

1. A definição do conceito de ética

A raiz e a origem da palavra ética encontram-se no substantivo grego *ethos* ou *êthos*. Os dois substantivos têm sua derivação de *ethô*, que significa estar habituado, apropriar-se. Basicamente, *êthos* pode indicar o paradeiro habitual, costume, hábito, uso ou algo usual. *Êthos* significa também caráter, mentalidade, índole (WIESE, 2008, p. 21).

Ética é a ciência que tem por finalidade definir a conduta do ser humano, tendo como foco sua responsabilidade pela manutenção e vivência na sociedade (WIESE, 2008, p. 21). A ética se caracteriza por descritiva e normativa. A descritiva tem por finalidade analisar e descrever o comportamento do ser humano; a normativa, no entanto, traz a verdade à tona, utilizando-se de normas ou critérios e tendo como pressuposto a verdade (WIESE, 2008, p. 23).

A ética é um dos seis ramos tradicionais da filosofia. Em cada área do viver existe uma ética, para vivência e conduta do indivíduo (CHAMPLIM; BENTES 1991). O alvo da ética é a conduta ideal do homem. Olhando para a Grécia antiga, logo percebemos, conforme nos conta a história, que o mito dava sentido às coisas, muitas explicações se davam através do mito, mas foi somente a partir do século V a.C., entre os filósofos gregos, que se começou a pensar mais sobre uma regra de conduta para o homem. Sócrates, Platão, Aristóteles, ao longo de duzentos anos de pensamento, tomaram o mundo com sua filosofia (GASCHO, 2004).

1.1 A definição do conceito de moral

Quando olhamos para a civilização antes da filosofia grega, logo compreendemos que os padrões de conduta eram ensinados didaticamente somente a alguns povos como, por exemplo, era o caso dos judeus que

possuíam o Decálogo como consciência moral e estatuto. As demais castas tinham o temor de estar desagradando aos deuses. As explicações se davam pelo mito, que foi para o indivíduo da época seu norte e estatuto, estabelecendo relações de causa e efeito ainda que não houvesse lógica. O indivíduo sentia medo, era aprovado ou reprovado em seu agir, ficava na expectativa de castigo ou recompensa dos deuses. Através dos mitos estabeleciam-se os relacionamentos entre os homens (GASCHO, 2004).

Os mitos foram importantíssimos para a civilização anterior à filosofia grega, pois qualquer resposta vinha deles. Porém aos poucos, com reflexão a partir do mundo grego, o indivíduo começa a se localizar na pólis e a perguntar-se: o que de fato é o bem? E o que é o mal? O homem começa a adquirir uma consciência moral. Vázquez afirma o seguinte sobre a consciência moral do homem:

A consciência moral começa a emergir propriamente, e a definir-se como um recinto interior, quando o homem cumpre normas que regulamentam os seus atos, não mais submetendo-se passivamente à tradição e ao costume ou pelo temor dos deuses, ou simplesmente para conformar-se com a opinião dos outros, mas porque compreende e deve cumpri-las (2000, p. 188).

Gradativamente vai sendo alcançada uma consciência moral. A partir do momento em que o homem se desvencilha dos mitos, ele começa a olhar para si mesmo, bem como para a realidade em sua volta, e começa a atribuir à sua vivência juízos de valor. Os valores existem desde a Antiguidade, porém foi somente a partir do século XIX que surgiu a teoria dos valores. Mas o que são valores morais? Valor moral é tudo aquilo que atribuímos a pessoas ou coisas que nos faz gostar ou, de alguma forma, criar certo ranço

delas (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 300). Vejamos o que Aranha e Martins nos dizem em relação aos valores:

Os valores são num primeiro momento herdados por nós. Ao nascermos, o mundo cultural é um sistema de significados já estabelecido, de tal modo que aprendemos desde cedo como nos comportar a mesa, na rua, diante de estranhos, como, quando e quanto falar em certas circunstâncias; como andar, correr, brincar; cobrir o corpo e quando desnudá-lo; qual padrão de beleza; que direito e deveres temos. Conforme atendemos ou transgredimos os padrões, os comportamentos são avaliados como bons ou maus (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 300).

Valores morais são próprios de cada indivíduo, fazem parte da sua cultura, daquilo que o homem aprendeu desde pequeno. Ética e moral muitas vezes se confundem em suas definições. A primeira é o estudo da segunda. Ao passo que a moral estabelece padrões de conduta em uma sociedade, ela pode ser intrínseca, somente para práxis de determinada cultura, bem como pode servir somente para um período de tempo. Fumar em locais públicos, por exemplo, era comum em outras décadas, mas hoje existem leis que regulamentam a proibição de tal prática. Como podemos observar, a moral nem sempre é válida para todas as culturas nem para todos os tempos. A partir dos valores morais, o indivíduo começa a fazer juízos, que podem ser de fato ou de valor. Os juízos chamados “de fato” falam que alguma coisa existe ou como ela é; já os juízos de valor são as avaliações feitas pelo homem a partir da sua consciência moral, sejam elas de pessoas, coisas ou

situações (CHAUI, 2008, p. 307). A partir do pensamento de Chauí, temos uma definição da moral:

Ela vem de uma palavra latina, mos, moris, que quer dizer “o costume”, e no plural mores, significa os hábitos de conduta ou de comportamento instituídos por uma sociedade em condições históricas determinadas (CHAUI, 2008, p. 307).

Nós, os seres racionais, somos diferentes dos irracionais. Os animais são guiados pelos seus instintos, tais como o de sobrevivência, procriação, etc. O homem, como portador de uma capacidade racional, vive livremente, porém precisa de normas e regras para poder se situar em meio à sociedade. Vejamos o que Vázquez (2000, p. 69) nos diz em relação à moral:

A função social da moral consiste na regulamentação das relações entre homens (entre os indivíduos e entre os indivíduos e a comunidade) para contribuir assim no sentido de manter e garantir uma determinada ordem social.

Como podemos perceber, sem uma regra ao racional a sociedade seria um caos. Qual o número de homicídios se não houvesse o código penal? Quantos bebês seriam mortos se não existissem duras leis contra o aborto? A moral é um parâmetro que determina em que direção o indivíduo deve andar. Só podemos determinar que certo ato é moral ou imoral se estiver sob a tutela da norma (ARANHA, MARTINS, 2003, p. 302), pois é por meio dela que se constrói uma sociedade. O homem da pólis olha para si mesmo e submete tudo ao crivo de sua consciência moral, da qual procedem as decisões, sejam elas morais ou imorais. A individualidade de cada um

também vai ser crucial na tomada de decisão; isso faz parte da sociedade, é próprio dela (VÁZQUEZ, 2000, p. 73). A moral está estritamente ligada ao homem e vai até o íntimo do seu ser, sem ela não existe relacionamento social (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 305). Concluimos que o indivíduo que vive em sociedade é um sujeito que precisa estar sob a tutela das regras e normas, porque não age por seus instintos como os animais, mas possui em seu genoma o livre-arbítrio, o que o faz superior aos irracionais. Com a consciência moral pautada na ética, a criatura racional, dotada de faculdades intelectuais, consegue produzir as coisas mais belas deste mundo: as artes, a literatura, a cultura, etc. O homem fabrica casas, constrói relacionamentos, consegue ser altruísta e fazer boas obras, tudo isso porque é racional e relaciona-se com o Transcendente (PEARLMAN, 2003, p. 75).

1.2 A ética presente na filosofia grega

Como já ressaltamos antes, com exceção dos hebreus, que tinham uma ética teísta, as outras civilizações ou povos até o século V a.C. não dispunham de uma consciência ética, ou uma consciência moral, tudo se explicava por meio dos mitos. A partir da Grécia antiga, mais precisamente no século V a.C., começa a surgir uma reflexão moral com os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles. Naquele tempo apareceram, num primeiro momento, os sofistas, com um discurso de relativismo ou subjetivismo em relação à moral, ou seja, acreditavam que o homem fazia sua própria consciência moral, como afirmava Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas” (VÁZQUEZ, 2000, p. 269). As questões éticas adquirem total importância dentro da filosofia grega somente a partir do momento em que a democracia fala mais alto na cultura grega, particularmente em Atenas (VÁZQUEZ, 2000, p. 268). Vázquez (2000, p. 268) descreve um pouco do cenário em que se origina a reflexão ética grega:

Ao naturalismo dos filósofos do primeiro período (os pré-socráticos), sucede uma preocupação com os problemas do homem, e, sobretudo, com os problemas políticos e morais. As novas condições que se apresentam no século V (a.C.) em muitas cidades gregas

– e especialmente em Atenas – com o triunfo da democracia escravista sobre o domínio da velha aristocracia, com a democratização da vida política, com a criação de novas instituições eletivas e com o desenvolvimento de uma intensa vida pública, deram origem a filosofia política e moral.

Como podemos perceber, a ética grega não se desenvolve de forma singular, ou seja, no indivíduo; verificamos, porém, que essa consciência moral tem como pano de fundo a democracia, está intrinsecamente ligada às questões da pólis. Os gregos são indivíduos da pólis, membros de uma sociedade, portanto essa ética está estritamente ligada à política da cidade (ARANHA; MARTINS 2003, p. 353). Hoje vivemos a pós-modernidade e a filosofia grega ainda é latente em nossos dias. O legado grego nos faz refletir muito sobre nós mesmos como indivíduos. A reflexão grega contribuiu muito para a arte e a literatura, de tal modo que nunca houve outra civilização que marcou tanto a humanidade com sua filosofia como a civilização grega ao longo da história.

1.3 A concepção ética a partir de Sócrates

Se tivéssemos vivido no século V a.C. na Grécia antiga, certamente não deixaríamos de ouvir as incansáveis perguntas de Sócrates pelas ruas e praças de Atenas: o que são valores? O que são virtudes? O que é o bem?

Ao perguntar, Sócrates só estava certo de uma coisa, os atenienses tinham o senso comum em relação à moral, aquilo que aprenderam desde o berço. Sobre o que de fato seria o bem e as virtudes só sabiam citar exemplos de coragem e honestidade que viram ao longo de suas vidas, mas não sabiam conceituar de fato o que eram os valores, as virtudes e o bem (CHAUI, 2008, p. 311).

Olhando para quase todos os teóricos que falam sobre filosofia, é consenso que Sócrates foi o precursor da filosofia moral ou ética. Os sofistas apenas elaboraram a retórica, o poder de convencer, aquilo que conhecemos como maiêutica (VÁZQUEZ, 2000, p. 269). Sem medo de errar, podemos afirmar que Sócrates foi o pai da ética como a conhecemos hoje. Contra tudo e contra todos, era um homem firme em suas convicções, não recuava, e com isso seus pensamentos e sua filosofia atravessaram os séculos e o mundo. João Arnaldo Gascho, em seu livro ‘Do mito ao genoma’, descreve um pouco de quem era esse homem chamado Sócrates, que até diante da morte não recuou, mas manteve firme seu pensamento:

Sócrates andou na contramão do seu tempo. Polemizou duramente com os sofistas e com as forças políticas dominantes. Investia contra a superficialidade de argumentos e de conceitos, desnudando a ignorância de seus interlocutores. Jamais admitia que a aparência prevalecesse sobre a realidade, que a opinião (doxa), ainda que habilidosamente apresentada, substituísse a verdade (episteme). Seu destemor, quase implicância custaram-lhe a vida. [...] A ironia socrática desestabilizava a forma de pensar dos atenienses. Sua ânsia em chegar a conceitos precisos e verdadeiros, e a

busca insistente de princípios seguros e universais para fundamentar o agir humano, fizeram dele um indivíduo chato, inconveniente e perigoso aos olhos dos seus contemporâneos. Sua persistência e seu caráter, entretanto, deram-lhe merecidamente o título de fundador da ética (GASCHO, 2004, p. 29).

Por meio de uma profunda reflexão sobre os valores e virtudes do ser humano, baseada na razão, Sócrates começava a descortinar valores morais imprescindíveis para a vivência política da época. Com interrogações dirigidas à sociedade e ao indivíduo, impelia os atenienses a pensar sobre o âmago das virtudes e a origem do bem e do mal. Com isso, o indivíduo tomava consciência de suas ações a partir da racionalidade (CHAUI, 2008, p. 311). Sócrates queria inculcar na mente dos atenienses o verdadeiro sentido moral das coisas, levá-los a questionar por que acreditavam que determinado costume era bom ou ruim. Seus contemporâneos tinham como virtudes o que estavam acostumados a ver desde infância, porém o filósofo questiona, por exemplo, se a coragem era aquilo que haviam visto na guerra contra os persas e por que essa coragem era uma virtude e a covardia considerada um vício (CHAUI, 2008, p. 311).

Esse homem brilhante que viveu somente 71 anos de idade foi realmente um marco para as gerações futuras, influenciando Platão com suas ideias. A ética ou filosofia moral de Sócrates tinha como base a racionalidade. O bem era a felicidade da alma, ao passo que o bom era o instrumento da felicidade (VÁZQUEZ, 2000, p. 269). Finalizando as considerações a respeito de Sócrates, ficamos com uma síntese sobre a ética do filósofo, conforme escreve Vázquez:

[...] para Sócrates, bondade, conhecimento e felicidade se entrelaçam estreitamente. O homem age retamente quando conhece o bem e, conhecendo-o, não pode deixar de praticá-lo; por outro lado, aspirando ao bem, sente-se dono de si mesmo e, por conseguinte, é feliz (VAZQUEZ, 2000, p.270).

1.4 A concepção ética a partir de Platão

Nascido em 427 a.C. na cidade de Atenas, na Grécia, Platão foi contemporâneo e discípulo de Sócrates, comungou das ideias do pai da ética. Assim como seu mestre, desenvolveu sua reflexão moral em torno da pólis e ficou conhecido por levantar um pensamento filosófico sobre o dualismo corpo e alma, bem como o mito da caverna, aplicável até os dias de hoje nos círculos filosóficos mais respeitados. Compartilhando as ideias de seu mestre Sócrates, Platão afirmava que a virtude estava atrelada à sabedoria, ao passo que o vício era fruto da ignorância, concluindo que a virtude poderia ser aprendida (ARANHA; MARTINS 2003, p. 353).

Platão, em sua busca pelo bem, colocava em confronto corpo e alma. O filósofo afirmava que a alma era portadora da virtude, entretanto o corpo era mau, sede dos instintos e das paixões (GASCHO, 2004, p. 30). O filósofo ateniense difundiu suas ideias de bem e mal, virtude e vício em torno do dualismo corpo e alma. Vejamos o que Gascho nos diz acerca do pensamento platônico:

Somente a alma, cuja origem está no mundo perfeito, dominando os instintos, poderá produzir o comportamento virtuoso. [...] a dignidade e a natureza verdadeira do homem está na alma, temporariamente

encarcerada no corpo. [...] A alma é a fonte do conhecimento verdadeiro, incluindo o conhecimento do bem. O bem é o ideal supremo do correto agir humano, e se confunde, em Platão, com a própria ideia de Deus, acessível ao homem não apenas pela emoção e pela vontade, mas principalmente pelo entendimento (2004, p. 30).

Para Platão, a busca da virtude ou a plenitude do bem estava ligada ao conhecimento ou à racionalidade. Somente o filósofo poderia chegar a essa máxima do agir correto, porque chegar ao bem é intrínseco ao compreender bem, e dentro desse pensamento somente o filósofo pode chegar a esse nível, cabendo-lhe a função de ser o governante (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 353). Pela racionalidade a alma alcança a virtude, com o objetivo de chegar ao conhecimento do bem, mas para isso precisa sair desse invólucro que se chama corpo, só assim poderá ter a plenitude da purificação longe da matéria (VÁZQUEZ, 2000, p. 270).

A filosofia platônica buscava construir uma sociedade perfeita. Como era peculiar para a época, essa sociedade não contemplava os escravos, e a virtude era conhecida em sua integridade somente pelas classes mais altas. O trabalho braçal, por exemplo, era visto com desprezo pela filosofia platônica, e por isso os artesãos ficavam em último lugar na escala de classes da sociedade (VÁZQUEZ, 2000, p. 270). Para o filósofo, a perfeição do indivíduo não era possível sem a pólis ou comunidade, somente por meio do Estado o indivíduo conseguiria encontrar uma verdadeira filosofia moral. A ética de Platão é estritamente política, portanto ele desenvolve uma tese, ou talvez até uma utopia, de como deveria ser o verdadeiro Estado, o qual

contemplaria toda a plenitude da alma. Vázquez descreve as características desse Estado:

A razão, a classe dos governantes – filósofos guiados pela prudência; ao ânimo ou vontade, a classe dos guerreiros, defensores do estado, guiados pela fortaleza; e ao apetite, os artesãos e os comerciantes, encarregados dos trabalhos materiais e utilitários guiados pela temperança (VÁZQUEZ, 2000, p. 271).

Hoje acredita-se que a filosofia platônica foi de extrema importância, deixando um legado em todas as áreas do saber, desde a gramática até a filosofia, passando pela história e influenciando até o cristianismo e o ambiente eclesiástico. Os filósofos gregos, em sua busca por uma ética ou filosofia moral, teceram pensamentos importantes que contribuíram para a filosofia, antropologia, sociologia, política, gramática, etc. Ao desenvolver sua filosofia sobre o dualismo corpo e alma, na busca das virtudes, a contribuição de Platão foi de suma importância para a antropologia.

1.5 A concepção ética a partir de Aristóteles

Discípulo de Platão, Aristóteles viveu entre 384 e 322 a.C. na Macedônia. A ética de Aristóteles estava ligada à sua filosofia política, assim como a ética platônica. Para ele, a política e a comunidade são os meios necessários da moral, constituem a chamada vida teórica da qual provém a felicidade, fora da qual estão as classes mais baixas (VÁZQUEZ, 2000, p. 273). Para Aristóteles a virtude deve ser ensinada, não é produto da alma de cada sujeito, como acreditava Platão. Ele tratava a felicidade como fundamental para a ética (GASCHO, 2004, p. 31). Aristóteles dizia que era preciso desenvolver um hábito, que esse hábito era uma virtude e a partir

dela se encontraria a felicidade (GASCHO, 2004, p. 31). Virtude vem da palavra grega areté. A característica principal da teoria areteica ou ética das virtudes é a índole de uma pessoa, bem como uma vida de qualidade partindo do princípio da pessoa de bom caráter, com unidade e relacionamentos sadios (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 98). Vejamos o que Deweese e Moreland nos dizem sobre a concepção das virtudes pensadas por Aristóteles para alcançar a felicidade:

As virtudes, portanto, são traços de caráter que permitem que uma pessoa alcance a meta da eudaimonia (do grego, “felicidade”), não no sentido de satisfação prazerosa momentânea, mas no sentido de se desenvolver, de viver bem, de uma vida de excelência (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 99).

Portanto, para Aristóteles, o caminho para a felicidade são as virtudes, aquilo que está de acordo com a natureza humana. Um bom caráter não implica somente virtudes morais, mas também uma série de virtudes que podem envolver a intelectualidade, por exemplo, o ser estudioso, racional, até o agir com coragem, no bom sentido da palavra, usando essa virtude para o bem (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 99).

Acreditamos que o pensamento filosófico de Aristóteles foi fundamental para a humanidade, porque permitiu abrir novos horizontes para virtudes vividas pelo indivíduo de bem. Isso possibilitou o desenvolvimento de um bom caráter e da plenitude da conduta do ser, permeando toda sua forma de agir, pensar, falar, tomar decisões, olhar, trabalhar se relacionar, etc. Na filosofia aristotélica, a felicidade não está no fato de viver prazerosamente, porém está atrelada à característica do viver

bem, ou seja, saber viver, sempre preservando uma consciência moral louvável.

1.6 Da origem da ética cristã até a ética da Reforma

Neste ponto estamos no cerne da temática desta pesquisa. Daqui em diante começaremos a abrir caminho para a abordagem central do tema proposto, que se trata de uma ética teísta ou uma ética cristã. Mas quais são as características da ética cristã? Em que a ética difere da ética cristã?

• O fundamento ético no judaísmo

Desde a Grécia antiga, a ética traz a proposta de definir aquilo que é politicamente correto ou incorreto e que vale para toda a sociedade, porém a ética cristã é mais minuciosa. Seu papel primordial é definir aquilo que é bom e ruim somente para os cristãos (GEISLER, 2010, p. 15). A ética cristã tem um caráter imperativo porquanto procede do Transcendente, Deus, um ser moral que dá as orientações sobre o bem e o mal, que em dado momento da história prescreve as regras de conduta ao indivíduo. São leis categóricas de Deus dadas à humanidade para serem seguidas (GEISLER, 2010, p. 16). Partindo dos mandamentos divinos, temos explícita a vontade moral de Deus para a raça humana, mais especificamente para a comunidade cristã, no primeiro momento. Em um segundo plano, porém, todos os indivíduos têm a obrigação de viver da maneira que Deus deseja, a partir de sua revelação. A lei aponta os erros do homem, e ninguém pode dizer que não conhece a vontade moral de Deus, porque ele revelou sua vontade moral, ele é o justo juiz que deixou suas prescrições em sua Palavra, a Bíblia (GEISLER, 2010, p. 17). Vejamos o que Keeling nos diz a respeito da revelação dada por Deus a Moisés no Sinai:

“A maioria dos escritos que hoje constituem o Novo Testamento, se não todos, e grande parte dos demais escritos do cristianismo primitivo, tinham por objetivo organizar a vida das comunidades cristãs”. O fio condutor que percorre as histórias bíblicas é a experiência de uma palavra de Deus convocando a pessoa ou comunidade humana para alguma forma de ação (WAYNE; MEEKS, 1987, p. 12 apud KEELING, 2002, p. 37).

O judaísmo foi de suma importância para a reflexão de uma filosofia moral para a raça humana. Na cultura judaica, com frequência podemos observar aspectos relevantes não vistos em outros povos. Constatamos como em todos os assuntos sempre estavam relacionadas questões éticas, partindo da observância da Torá, que tinha como papel essencial mostrar a salvação ou o caminho moralmente ético a outros povos, sem distinção de raças ou culturas (KEELING, 2002, p. 51).

- **A ética da igreja primitiva e medieval**

A partir da instituição do povo que vem a se chamar cristão, começa a acontecer uma distinção desses indivíduos, que agora professam uma nova fé, cada vez mais se atrelando à cultura de inúmeros povos que não são judeus (KEELING, 2002, p. 89). No que tange à ética judaica, os cristãos tinham como parâmetro a Torá, o que dava certa distinção entre eles e os gentios, que não observavam as leis. Porém os cristãos, desde o começo, eram formados por sujeitos de todas as raças e etnias, tinham um estilo de vida cristã distinta, denominavam-se seguidores de Jesus (KEELING, 2002, p. 90). A partir do século IV o cristianismo ganha força e status depois das perseguições, vindo a ditar as condutas morais durante dez séculos

(VAZQUEZ, 2000, p. 274). Como vimos, os cristãos têm por característica principal o fato de serem seguidores de Cristo. Contudo, começam a surgir problemas de ordem moral nas comunidades cristãs da época. Keeling retrata particularidades da ética presente no cristianismo dos primeiros séculos:

Com o avanço da missão no mundo gentílico, aumentara o número de convertidos que desconheciam os valores morais do judaísmo. Daí a insistência das novas comunidades na separação entre a vida moral que encarnavam e a vida imoral reinante na sociedade (KELLING, 2002, p. 91).

Os primeiros séculos, como bem observa Keeling, foram de busca por uma ética cristã que caracterizasse os cristãos como tal, distinguindo-os dos povos gentílicos, pagãos, cujo estilo de vida não se coadunava com a fé cristã. Na busca por uma ética ou uma moral dentro dos padrões do cristianismo, ocorreu por parte dos mais piedosos uma divisão com a sociedade da época, muitos deixavam a vida na comunidade e retiravam-se para o deserto em busca de mais espiritualidade, para viverem como eremitas, na expectativa de formar uma casta mais zelosa (KEELING, 2002, p. 92). O monasticismo ganhou força nos séculos seguintes, chegando a ser considerado um estilo de vida superior. Keeling (2002, p. 95) cita particularidades da ética cristã que permeava a vida dos cristãos dos primeiros séculos, descrevendo-a como a “teoria do duplo padrão”, ou dos dois modos de vida. Na igreja primitiva e na medieval havia o monasticismo acompanhado pela pobreza, castidade e fidelidade. Em contrapartida havia outro estilo de vida cristão ou outra maneira de expressar a ética cristã: a

vida secular, ou seja, a família, trabalho e coisas que acompanhavam a sociedade da época (KEELING, 2002, p. 95).

Por fim, a ética cristã tem por objetivo dar valor ao indivíduo, fazê-lo entender seu dever moral e torná-lo igual perante todo sujeito que vive a plenitude da ética cristã. Quando o homem adquire uma consciência do sobrenatural, entende que sua conduta provém de Deus e que tudo deve ser feito visando a agradar ao Ser Supremo (VÁZQUEZ, 2000, p. 278).

- **A ética da Reforma**

Saindo da Idade Média, chegamos ao século XVI e nos deparamos com a tão conhecida Reforma Protestante. O primeiro nome de que logo lembramos é Lutero, um monge vindo da cúpula da igreja católica que observava com piedade as ordenanças da igreja, porém nunca se sentia justificado e perdoado (KEELING, 2002, p. 127). Lutero, ao ler a carta aos Romanos, conseguiu aprofundar sua reflexão sobre a justiça de Deus e tomou consciência do perdão de Deus ao homem, sentindo-se nova criatura, perdoado e livre de culpa (KEELING, 2002, p. 127). Após as descobertas das verdades contidas principalmente na carta aos Romanos, Lutero teve o desejo de que a igreja voltasse ao seu estado original, porém ela tinha outra visão do evangelho, a qual estava imbuída de interesses, e Lutero foi visto como uma ameaça ao clero da igreja (KEELING, 2002, p. 128). Ao lutar contra a dogmática existente na igreja da época, Lutero propôs uma reforma na igreja e abriu caminho para uma ética da Reforma, a qual Keeling descreve da seguinte maneira:

A contribuição mais importante de Lutero para a ética social foi a fundamentação teológica da ética da liberdade. Em 1512, publicou três manifestos; o primeiro

era um apelo à nobreza cristã da nação alemã sobre a reforma do estado cristão para que as classes politicamente poderosas apoiassem a reforma nos estados germânicos. [...] No segundo, sobre o cativeiro babilônico da igreja, Lutero alivia o fardo dos preceitos eclesiásticos, reconhecendo somente três sacramentos, batismo, penitência e pão. E o terceiro manifesto sobre a liberdade do cristão expõe o duplo princípio da responsabilidade cristã: “O cristão é soberanamente livre de quem quer que seja, e não é sujeito a ninguém” (KELLING, 2002, p. 129).

Como podemos observar, Lutero trouxe uma nova reflexão para a ética cristã. Queria que o indivíduo realmente se desvencilhasse do pesado fardo da igreja, começando a viver uma ética cristã verdadeira. Ele tinha consciência de que após a confissão o indivíduo viria a sentir-se perdoado, tendo por obrigação viver conforme essa justificação (KEELING, 2002, p. 130). Keeling afirma que a visão ética de Lutero defendia o autocontrole dos desejos pecaminosos do corpo. Outro ponto importante que Lutero defendeu na esfera da ética cristã foi o amor ao próximo, dizendo: “Eu me oferecerei semelhante a Cristo ao meu próximo”. Para ele, da fé fluía o amor (KEELING, 2002, p.130). A Reforma foi de suma importância para a igreja porque produziu e estabeleceu parâmetros que são seguidos até os dias de hoje nos círculos eclesiásticos. Aboliu o monasticismo comum anterior a ela e estabeleceu a conduta ética cristã, que preza pela obediência a Deus (KEELING, 2002, p. 135).

1.7 A ética de Kant

Immanuel Kant, sem dúvida alguma, foi um divisor de águas no campo filosófico moderno. De seu pensamento surgiram filosofias

conhecidas até os dias de hoje, tais como: filosofia do processo, personalismo, pragmatismo, análise linguística, fenomenologia, idealismo, marxismo, positivismo lógico e existencialismo (SPROUL, 1939, p. 130). Um grande diferencial em Kant era que ele acreditava no Transcendente, ou seja, era um filósofo teísta. Em um de seus pensamentos éticos, faz a seguinte pergunta: o que é preciso para que a ética seja coesa? E logo obtemos sua resposta: é necessário que se pense em justiça. No tocante ao Transcendente, deve existir um justo que tenha a perfeição e saiba transmitir e ensinar essa justiça (SPROUL, 1939, p. 128).

Como é típico da concepção da filosofia moral, desde crianças construímos uma consciência do certo e errado. Kant parte desse princípio, segundo o qual já temos estabelecida uma consciência moral das coisas, a qual dá ao indivíduo as diretrizes de sua conduta, e o indivíduo passa a ser portador de conhecimento e livre (VÁZQUEZ, 2000, p. 282). A ética kantiana tem a priori o domínio da razão, de fazer aquilo que é dever, ser livre. Em outras palavras, para Kant, ter liberdade significa não agir conforme o nosso senso comum ou segundo o que nos satisfaz, porque em nossa análise de conhecimento prévio, para agir, podemos errar, uma vez que poderíamos estar fazendo aquilo que nos apraz. Porém, se agirmos conforme nosso dever, estaremos agindo com ética ou razão prática (MARCONDES, 2007, p. 218). A partir desse prisma da ética do dever de Kant, vejamos o que Marcondes nos diz:

O dever consiste na obediência a uma lei que se impõe universalmente a todos os seres racionais. Eis o sentido do imperativo categórico (ou absoluto): “Age de tal forma que sua ação possa ser considerada como norma universal”. Toda ação exige a antecipação de um fim, o

ser humano deve agir como se este fim fosse realizável (MARCONDES, 2007, p. 218).

Kant não dá uma lista de questões éticas a serem observadas, porém traça uma linha simétrica de como deve ser o cidadão ético. A fundamentação ética a partir da felicidade, base do pensamento de Aristóteles, por exemplo, é muito rasa para se chegar a uma construção moral plausível. O aspecto moral ou uma lei moral imposta ao indivíduo parece corresponder muito mais à ética do dever, a qual Kant afirma (MARCONDES, 2007, P. 2018).

A partir dos conceitos pincelados acima podemos considerar que a ética kantiana é deontológica, ou seja, está baseada nos deveres. A deontologia nos diz que nossas atitudes ou aquilo que fazemos está baseado em uma prévia consciência moral, e é nosso dever agir com ética, bem como cumprir o que prometemos fazer, porque assim estaríamos tendo uma consciência da ética do dever ou deontológica (DEWEESE; MORELAND, 2011, p. 94). É consenso hoje em toda a comunidade filosófica que o pensamento de Kant deixou um legado gigantesco para toda a academia. Sua filosofia se encontra nos meios catedráticos, e por que não dizermos que ela deu e ainda dá suporte à teologia.

CONCLUSÃO

Desde os primórdios da humanidade, por si só o ser humano já possuía uma consciência do bem e do mal. Quando Deus dá a Moisés a lei no Sinai, o criador tão somente expressa ao indivíduo sua moralidade. A filosofia grega corrobora de forma extraordinária para o pensamento ético, bem como o cristianismo e, mais tarde, a filosofia da modernidade.

Acreditamos que o indivíduo sem ética se tornaria um ser irracional sem limites, contudo o legado cultural lhe dá desde a mais tenra idade a capacidade de estar imbuída em seu genoma a consciência moral, ou seja, as faculdades daquilo que julga ser certo e errado.

Ao final desta pesquisa descobrimos que boa parte da civilização na pós-modernidade confunde ética com moral e vice-versa. Somente conseguimos obter a distinção dos dois conceitos através de um olhar cuidadoso e dentro de nossos achados, bem como pela análise da bibliografia específica. Entendemos que a ética desenvolve o estudo da moral. Ao passo que a primeira vale universalmente, no entanto a segunda é restrita a peculiaridades de povos, castas, etnias e grupos religiosos em determinadas épocas.

Questões éticas na contemporaneidade se tornam um desafio para os círculos religiosos. Como levantar a bandeira da ética ou, mais especificamente, da ética cristã sem cair no engodo de ser levado pela relatividade e liquidez na qual o mundo se encontra, com a perda de valores que foi ocorrendo ao longo dos anos? Acreditamos que o caminho a ser percorrido acima de tudo é o pensamento de Kant sobre o imperativo categórico, isto é, que devemos fazer aos homens aquilo que queremos que eles nos façam. Porém jamais o cristianismo deverá abrir mão do Decálogo e do legado filosófico. Os nossos achados dão conta ainda de que sob a tutela da lei dada a Moisés é que a ética cristã deve ser pensada. Em suma, o Decálogo deve ser vivenciado pelos homens exatamente da forma que Jesus ressaltou, a saber, “amar a Deus e ao próximo como a nós mesmos”. Dessa maneira, tanto o indivíduo viverá na esfera da ética cristã como a igreja também cumprirá o seu papel de instituição que causa mudança na sociedade através de uma ética cristã genuína.

A presente pesquisa obteve resultados satisfatórios, contudo não se restringe somente a uma ótica da ética cristã. A pesquisa abre horizontes para reflexões em outras áreas da ética, como uma ética médica, que irá lançar mão da bioética, ou uma ética do direito, que pode utilizar o imperativo “não matarás”, usando como apêndices as questões relativas à guerra ou direito dos homens e dos animais. Tomando como base esta pesquisa, ainda podem ser analisados temas relativos à ecologia, por exemplo, que não foram abordados aqui.

Em suma, a ética é responsável hoje por ser a válvula propulsora de harmonia nos relacionamentos interpessoais. Sem ela, talvez não existissem os direitos humanos, ou não seria, por exemplo, elaborado o código penal de muitos países. A reflexão ética sempre terá seu papel principal na sociedade, porque estuda e estabelece a moral entre os indivíduos em todas as épocas e culturas.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. HELENA, Maria, Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. Ed. Revista, São Paulo: Moderna, 2003.

CHAMPLIM, Russell Norman; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*. São Paulo, Candeia, 1991.

CHAUÍ, Marilena. *Convite a filosofia*. São Paulo. Ática, 2008.

DEWEESE, Garrett J. . MORELAND, J. P. *Filosofia concisa: uma introdução aos principais temas filosóficos*, São Paulo: Vida Nova, 2011.

GASCHO, João Arnoldo. *Do mito ao genoma. A ética na contramão da história*. Jaraguá do Sul: Unerj, 2004.

GEISLER, Norman L. *Ética cristã, Opções e questões contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KEELING, Michael. *Fundamentos da ética cristã*. São Paulo: Aste, 2002.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 11 ed. rev. e ampliada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

PEARLMAN, Myer. Conhecendo as doutrinas da Bíblia. São Paulo: Vida, 2003. SPROUL, Roberto, Charles. 1939-Filosofia para iniciantes. São Paulo: Vida Nova, 2 VÁZQUÉZ, Adolfo Sanchez. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

WIESE, Werner. Ética fundamental, critérios para crer e agir, São Bento do Sul. União Cristã: FLT, 2008.